

## QUESTÃO 01

**Rubem Braga, cronista brasileiro, escreveu uma crônica, em 1973, sobre a Passarela Paulo Bittencourt, projeto do arquiteto Affonso Eduardo Reidy (1909 – 1964).**

*“Aquele ponte lançada sobre a pista em Frente ao Museu de Arte Moderna, é uma das coisas mais belas do Rio. A gente vê que é possível fazer poesia com cimento; e entende que a linha reta é irmã gêmea da linha curva; e que o cálculo mais sábio pode resultar na maior emoção de simplicidade.*

*Muita gente passa por ali sem reparar na elegância extraordinária da passarela. Não aquele português, chofer de táxi, com quem eu vinha conversando. Confessou-me que passou muitas vezes sob a ponte sem reparar nela. Um dia, porém, leu no jornal que ela custara não sei quantos milhões – um absurdo. Então reparou, e achou muito bonita. Como não levava passageiro no momento, parou o carro, saltou e foi olhar a ponte de um lado e outro.*

*‘É uma beleza, doutor. É reta e ao mesmo tempo enviesada; é forte. Mas parece que está solta no ar. Vou lhe dizer uma coisa, senhor doutor. Pode ter custado o cão, mas aquilo não é uma ponte, é um monumento. Mesmo que não tivesse serventia, está ali para enfeitar a cidade. É um monumento, doutor’.*

*Affonso Eduardo Reidy, o autor da passarela, que morreu em 1964, gostaria de ter ouvido esse elogio comovido de um homem humilde.”*

BONDUKI, Nabil. *Affonso Eduardo Reidy*. Lisboa: Editorial Blau. 2000, p.138.

**Partindo da descrição contida no texto acima e utilizando a massa de modelar que você recebeu, construa um objeto que possa representar essa descrição.**

**Esse objeto deverá ser apoiado no suporte de papelão rígido que você recebeu.**

**Se quiser, você poderá usar a faca de plástico recebida para a construção do objeto.**

**Não há obrigatoriedade de utilizar todo o volume de massa.**

## QUESTÃO 02

A partir da descrição contida no texto da questão 01, desenhe uma imagem na folha de papel fornecida (página seguinte), considerando que você poderá estar acima ou abaixo da passarela, ou mesmo dentro do carro que está passando sob a passarela.

Utilize apenas lápis e borracha. Você poderá utilizar os recursos gráficos que convierem.



Rascunho da questão 02

Meu número:



DESENVOLVIMENTO DA QUESTÃO 02

Meu número:

### QUESTÃO 03

Em seu livro *As cidades invisíveis*, Ítalo Calvino vai nos falar de Marco Polo, famoso viajante veneziano do século XIII, que relata para Kublai Khan, imperador mongol, as inúmeras cidades de seu vasto império. Ele fala das formas, da vida e das sensações que compõem a vida das cidades. Esses relatos não são frutos de sua consciência racionalizada, ou seja, não são descrições realistas. Estão impregnadas pelo seu imaginário e pelos seus desejos.

Logo abaixo transcrevemos trecho de um desses relatos:

*“Você reprova o fato de que as minhas histórias o transportam para o meio de uma cidade sem falar a respeito do espaço que separa uma cidade da outra: se é coberto por mares, campos de centeio, florestas de lariços, pântanos. Responderei com uma história.*

*Pelas ruas de Cecília, cidade ilustre, uma vez encontrei um pastor que conduzia rente aos muros um rebanho tilintante.*

*- Bendito homem do céu – parou para me perguntar – saberia me dizer o nome da cidade em que nos encontramos?*

*- Perdoe-me - o outro respondeu -, sou um pastor em transumância\*. Às vezes ocorre de eu e as cabras atravessarmos cidades, mas não sabemos distingui-las. Pergunte-me o nome dos pastos: conheço todos, o Prado entre as Rochas, o Declive Verde, a Grama à Sombra. Para mim as cidades não têm nome: são lugares sem folhas que separam um pasto do outro e onde as cabras se assustam nas encruzilhadas e debandam. Eu e o cachorro corremos para manter o rebanho unido.”*

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.89.

Com seu lápis preto e o papel branco fornecido, desenhe a sua idéia desse relato. A composição é livre.

\* *Transumância*: passagem periódica que os rebanhos fazem da planície para as serras, e vice-versa, para mudar de pastagem.



Rascunho da Questão 03

Meu número:



DESENVOLVIMENTO DA QUESTÃO 03

Meu número:

## QUESTÃO 04

### O operário em construção

(...)

Era ele quem erguia casas  
Onde antes só havia chão.  
Como um pássaro sem asas  
Ele subia com as casas  
Que lhe brotavam da mão.  
Mas tudo desconhecia  
De sua grande missão:  
Não sabia, por exemplo  
Que a casa de um homem é um templo  
Um templo sem religião  
Como tampouco sabia  
Que a casa que ele fazia  
Sendo a sua liberdade  
Era a sua escravidão.

De fato, como podia  
Um operário em construção  
Compreender por que um tijolo  
Valia mais do que um pão?  
Tijolos ele empilhava  
Com pá, cimento e esquadria  
Quanto ao pão, ele o comia...  
Mas fosse comer tijolo!  
E assim o operário ia  
Com suor e com cimento  
Erguendo uma casa aqui  
Adiante um apartamento  
Além uma igreja, à frente  
Um quartel e uma prisão:  
Prisão de que sofreria  
Não fosse, eventualmente  
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia  
Esse fato extraordinário:  
Que o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.  
De forma que, certo dia  
À mesa, ao cortar o pão  
O operário foi tomado  
De uma súbita emoção  
Ao constatar assombrado  
Que tudo naquela mesa  
- garrafa, prato, facão -

(CONT.)

Os versos transcritos ao lado fazem parte da composição “O operário em construção” de Vinícius de Moraes (1913-1980). Neles o poeta revela o papel de um operário na construção das coisas e o desconhecimento da importância de sua profissão. Num determinado momento, percebe que era ele quem construía o que existia em volta. Compreende, então, a força de suas rudes mãos e a grandeza de ser um operário. Constata a própria importância na sociedade e o significado de sua profissão. Constrói dentro de si um novo homem, consciente de sua participação na história.

*Leia completamente o texto. Selecione trechos da composição que mais lhe convierem. Com o seu lápis preto e o papel branco fornecido, descreva em forma de desenho os trechos selecionados. Você poderá usar efeitos de sombra, texturas ou outro tipo de recurso gráfico para se expressar. Se quiser, poderá fazê-lo em um ou mais desenhos.*



QUESTÃO 04 - Continuação

Era ele quem os fazia  
Ele, um humilde operário,  
Um operário em construção.  
Olhou em torno: gamela, banco,  
Enxerga\*, caldeirão,  
Vidro, parede, janela,  
Casa, cidade, nação!  
Tudo, tudo o que existia  
Era ele quem o fazia  
Ele, um humilde operário  
Um operário que sabia  
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento  
Não sabereis nunca o quanto  
Aquele humilde operário  
Soube naquele momento!  
Naquela casa vazia  
Que ele mesmo levantara  
Um mundo novo nascia  
De que sequer suspeitava.  
O operário emocionado  
Olhou sua própria mão  
Sua rude mão de operário  
De operário em construção  
E olhando bem para ela  
Teve um segundo a impressão  
De que não havia no mundo  
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão  
Desse instante solitário  
Que, tal sua construção  
Cresceu também o operário.  
Cresceu em alto e profundo  
Em largo e no coração  
E como tudo que cresce  
Ele não cresceu em vão  
Pois além do que sabia  
- exercer a profissão -  
O operário adquiriu  
Uma nova dimensão:  
A dimensão da poesia.  
(...)

MORAES, Vinícius. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, p.293-7.

\* *enxerga*: cama rústica



Rascunho da Questão 04

Meu número:



DESENVOLVIMENTO DA QUESTÃO 04

Meu número: